

## Resenha

# Modernidade Líquida

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.

Ana Heloísa Ben-Hur de Almeida de Souza

Graduanda em Tecnologia em Design de Moda. Bolsista de iniciação científica da UTFPR/Fundação Araucária.

## MODERNIDADE LÍQUIDA

O livro *Modernidade Líquida*, escrito por Zygmund Bauman retrata a mudança da sociedade sólida para a líquida. Sua liquidez faz com que ela seja mais bem adaptada aos meios, preencha um ambiente, que com a mesma facilidade se esvai deste local, para assim tomar outra forma. Ao contrário da solidez, que não consegue preencher um ambiente que não seja de sua forma.

A sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, sempre dispostos à mudanças e livres para experimentar algo novo. Manter uma forma fixa não é tão fácil como simplesmente tomar nova forma, e tomar nova forma é fonte de força e invencibilidade, se adapta ao ambiente e tira o melhor dele para si, depois parte para a próxima forma. Com isso, as formas de poder na sociedade estão sendo realocadas e redistribuídas, e os objetos não duráveis tomam conta e a durabilidade já não tem mais o mesmo valor. As diversas famílias se deparam com moldes diferentes e valores invertidos.

Claro que essa mudança traz valores novos e modelos novos para a sociedade. Portanto, o seu nível de fluidez vai determinar sua inserção na sociedade, nos meios, nos grupos e tribos, sendo esta então a sua arma na conquista do espaço. A vida moderna impõe a mudança do sólido para o líquido.

No primeiro capítulo, Bauman traz o conceito de emancipação, que é tornar-se livre, independente. Ser liberto é se libertar daquilo que nos impede de movimento, e sentir-se livre é não ter empecilho para se movimentar. Diz que devemos nos emancipar da sociedade, nos tornar livre da sociedade. Contudo, o ser deve ser livre para se movimentar se livrando daquilo que tira a liberdade de movimento. Portanto deve tomar seu estado líquido.

Entretanto, esta liberdade traz consequências. Seria ela uma benção ou uma maldição? Traz a possibilidade de fazer tudo aquilo que deseja, mas do outro lado, há responsabilidade por seus atos. Mas nem sempre este é o empecilho. Esta fluidez proporcionada às pessoas fez com que as mesmas pagassem o preço por ter aquilo que

mais desejassem: a liberdade de poder estar de maneira que anteriormente a sociedade fosse criminalizar ou penalizar a pessoa por suas escolhas.

Todos querem a liberdade para fluir e tomar seus lugares diversos e mudar constantemente e, portanto, deixaram de indagar os porquês de cada situação. Na modernidade a crítica não é bem recebida. Aceita tudo o que se tem e o que lhes é oferecido, pois já tem sua liberdade ganha. As críticas se transformam em reflexões e questionamentos.

Já no âmbito político, o segundo capítulo abrange a individualidade, na qual a liberdade individual é incompleta, traz menos liberdade, e é mais controladora. Traz como exemplo o capitalismo, que com seu poder exige um controle da população. No modelo anterior de sociedade, modelo sólido, o trabalhador tinha sua responsabilidade posta em somente um ponto da produção, sem necessitar conhecer o processo completo, de ambiente opressivo e pouco favorável ao trabalhador. No caso do capitalismo fluído, ele traz a questão de que os grandes chefes não são autoritários, e sim seduzem sua equipe para o trabalho, que tem características mais diversificadas, que necessita de um conhecimento, mesmo que breve, de todas as atividades exercidas no processo produtivo da empresa.

Este capitalismo líquido também se apropria das imagens de pessoas célebres, que passam para o consumidor aquilo que ele quer ser, assim usando de modelo aquela influência. Isso tudo em busca de tornar-se alguém importante que ocupe grande espaço nas janelas sociais. Entretanto, quando o indivíduo se espelha em outras pessoas, e se baseia nas atitudes delas, perde toda sua essência e toma forma de um novo ser, não sendo nem o próprio indivíduo, nem o modelo a ser seguido. Assim, têm-se o fim da era do indivíduo.

Mesmo que o novo capitalismo não tenha abolido as autoridades ditadoras de leis, também não fez com que estas fossem dispensáveis, mas apenas abriu caminho para um maior número de ditadores. Assim, cada um tem seu reino por um curto período de tempo, até não ser mais a “bola da vez”, e nem todos podem reinar neste período por muito tempo. A exclusividade de poder não é uma possibilidade.

Para conquistar esta individualidade na modernidade líquida vale tudo, como o consumo exacerbado em busca de ser aquilo que a sociedade demanda. As pessoas tornam-se

escravas do que é posto como liberdade, comprando aquilo que lhes é dito “ser a sua cara”, e que lhe fará mais feliz e irá mudar sua vida.

No capítulo Tempo/Espaço o autor começa com uma análise de sociedades, propostas de vários pensadores, por ser onde o indivíduo irá praticar sua civilidade, pela sua disponibilização de espaço em que cada ser expressa o seu eu.

Assim, o espaço público abre espaço para os consumidores, para adquirirem todo e qualquer tipo de material, sendo ele social e/ou cultural, sem ter a necessidade da interação com outros indivíduos, tendo cada um o seu momento, ocupando o seu espaço. Sem esse espaço ser preenchido, não há significado, até o momento que é tomado por um que lhe dará sentido, até mudar de forma novamente.

Com esta fluidez moderna, o tempo e o espaço pedem e clamam pelo *multitasking*, que é habilidade de realizar múltiplas atividades no mesmo tempo e, neste caso, no mesmo ambiente, com agilidade e sem perda de tempo.

O autor apresenta um momento no trabalho que coloca o indivíduo como regente daquilo que quer, estando ele firme no presente, podendo mover o mundo para frente, e indo à busca do que serão capazes no futuro utilizando do passado. Também debate sobre os indivíduos que se culpam por todos seus fracassos, e aqueles que tomam controle de suas vidas e ações, para alcançar o destino desejado.

Com esta libertação do indivíduo, o que importa é sua ancoragem no presente. Porém, o autor apresenta que, talvez, grande parte não esteja tão fixa, pois a modernidade exige a flexibilidade. O trabalho de longo prazo é sólido, precisa de acompanhamento e, com a mudança social, esse trabalho precisa ser abolido; assim abre-se espaço para o trabalho mais fluído, necessitando de um novo estilo, com significado estético e aquilo que o homem faz, ele desfaz, não é capaz de parar ou ficar parado, mas fica em constante movimento, sempre de olho no futuro.

Portanto o trabalhador não recebe mérito por um trabalho que enobreça e sim um que traga entretenimento, criação, que procura sensações e coleciona experiências, e é esse trabalhador que o novo capitalismo procura. Nada que seja para longo prazo, pois funcionários são substituídos, assim como os objetos desta era.

Laços transitórios e a transitoriedade são um preço a pagar por aqueles que perseguem seus objetivos individuais. Estes laços são de elo mais fragilizado, e suas responsabilidades com o próprio eu tomam uma grande proporção, como apresentado no capítulo final, no qual o indivíduo vai preencher o vazio.

E, por fim, é apresentado as “Cloakroom’s” que, segundo Bauman, é indispensável para caracterizar a modernidade líquida. É a comunidade do carnaval, que atrai multidões que abandonam sua forma casual e deixam seus diários em casa para tomar outra forma, mesmo que apenas para propulsionar a solidão.

Desta forma, a busca pela emancipação do homem faz com que ele quebre os laços com o meio para obter sua autoafirmação, e se diferenciar destes, pois o que os difere é o que importa. Não ser como o outro, mas tomar seu próprio lugar e, assim que estiver saturado, tomar outra forma.